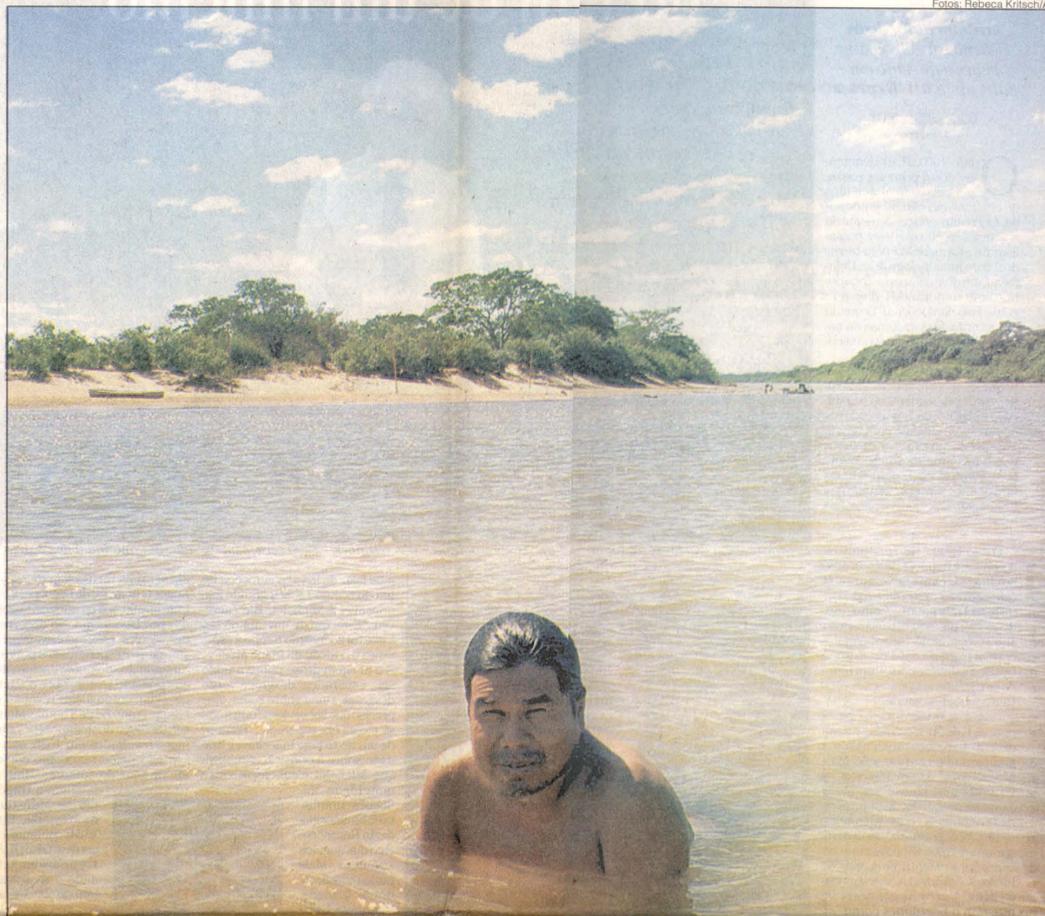


REDESCOBRINDO O BRASIL



Fotos: Rebeca Kritsch/AE



REBECA KRITSCH
 beckyk@ibm.net

ILHA DO BANANAL - Idjarruri Carajá é um índio do seu tempo. Em sua aldeia, na margem esquerda do Rio Javaés, onde só se chega de barco ou a pé com água pelos joelhos, ele está plugado na Internet. Em casa, instalou um aparato eletrônico que muitas prefeituras do interior do Brasil não têm. "Estou trabalhando para ser o cacique do terceiro milênio", diz o líder da aldeia Txuiri, na Ilha do Bananal, no Tocantins.

O cacique carajá conheceu os confortos e diversões da vida moderna em suas andanças pelo Brasil e pelo mundo. Saiu da aldeia pela primeira vez aos 12 anos, para estudar. Já adulto, como membro da União das Nações Indígenas, foi militante ativo das causas de seu povo. Ajudou a articular a candidatura do cacique Mário Juruna ao Congresso, participou do Rio 92 no Rio de Janeiro e colaborou com a Organização das Nações Unidas (ONU).

Há seis anos, Idjarruri voltou à aldeia. Mas não deixou para trás nem os hábitos nem as idéias que ganhara na margem direita do Javaés.

Resolheu levá-los consigo. Suas terras estavam ocupadas por posseiros havia 30 anos. Com a ajuda de outras famílias indígenas carajás e javaés, pressionou-os e conseguiu que os ocupantes se retirassem. De posse de sua área no Bananal, começou a trabalhar para construir uma aldeia high tech, independente, confortável, global, "conectada à rede mundial de computadores", mas ainda indígena.

Uso plástico

"Eu aprendi a tomar café, falar ao telefone, dirigir carro, e gostei", diz Idjarruri. E não foi só ele. TV, fogão, geladeira, bonês e tênis de grife fazem parte da vida de muito índio no Bananal. "Tudo isso tem um custo alto."

O preço, os índios da aldeia de Idjarruri dizem querer pagar com seus próprios recursos. "Não queremos tutela", afirma o cacique. "Quero ter minha terra e estabelecer intercâmbio."

Político, Idjarruri escolhe as palavras para defender seu ponto de vista sem ofender aqueles que defendem a causa indígena. "Não sei se é amor, carinho, que tipo de sentimento que acaba se excedendo em cuidados", afirma. "Mas parece que querem que a gente pare o tempo."

O cacique, que navega na Internet com o filho num computador Pentium, não quer. "Tem vontade de conhecer outros índios no mundo." A quem argumenta que a web vai descaracterizar a cultura indígena, ele explica: "É instrumento de trabalho." Como são o fax, o celular rural, o CD-ROM e a impressora que compõem o seu escritório.

Cacique compra o computador à roupa. "É uso plástico", diz. "Minha essência é velha, sólida." Idjarruri não pretende abrir mão do que já conhece e aprendeu a usar. "Quero morar na ilha com todos os recursos", afirma. "Não quero nem isolamento nem integração." A aldeia Txuiri não é tradicional, segundo Idjarruri, mas mantém a língua, os rituais de iniciação masculinos e as danças. Os homens trazem no rosto os sinais, em preto, da maturidade. E no corpo recatadas roupas de não-índio. Nas conversas em carajá, emprestam dos brasileiros os termos computador e Internet. O mou-

Líder carajá tem Internet e fax na Ilha do Bananal

Com seu aparato eletrônico, Idjarruri Carajá trabalha para ser o cacique do terceiro milênio e tornar Txuiri uma aldeia independente, confortável e global, sem a tutela de autoridades ou organizações



Idjarruri, em sua casa na aldeia Txuiri, onde há computador com CD-ROM, fax, celular rural e impressora; depois de conhecer os confortos e diversões da vida moderna em suas andanças pelo Brasil e pelo mundo, cacique resolveu levar os hábitos e as idéias que ganhara para casa

Missionário americano troca aulas de idioma com os índios

David Schuring mora há mais de um ano na aldeia Txuiri, onde ensina inglês e aprende javaé

ILHA DO BANANAL - Os índios carajás e javaés aprendem inglês com mais facilidade que o restante dos brasileiros. A avaliação é do professor David Schuring, um missionário de Iowa (EUA) que troca com os índios aulas de idioma.

Morador da aldeia Txuiri há mais de um ano, ele ensina inglês e aprende javaé. "Os índios têm mais facilidade por causa de certos fonemas", afirma Schuring. "O som do 'th', por exemplo, já existe na língua deles."

De acordo com o americano, que já ensinou informalmente não-índios fora da Ilha do Bananal, a pronúncia correta do "th" é uma das tarefas mais difíceis para os brasileiros que têm o português como língua-mãe. "Temos sons que nem o inglês nem o português têm", diz o cacique Idjarruri Carajá. Alguns desses sons únicos ao idioma deles são tonais, semelhantes ao mandarim.

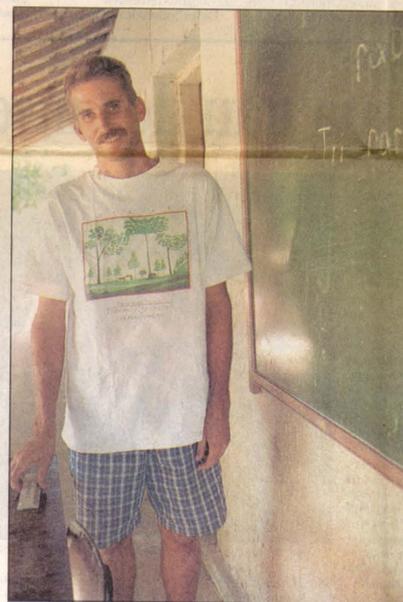
A estrutura gramatical javaé também é diferente, segundo Schuring. "A ordem é sujeito, objeto e depois o verbo", explica. "E o plural é incluído no verbo." Schuring tem casa própria na aldeia, construída com a ajuda da comunidade. Ele é casado com Rebeca, que cola-

bora com os índios na área da saúde. O casal tem seis filhos, três deles morando nos Estados Unidos. A caçula é uma menina brasileira de 2 anos, adotada em Formoso do Araguaia, no Tocantins.

Pagamento

O professor começou a trabalhar com índios engajado na Missão Novas Tribos do Brasil, seguindo os passos do pai, que

veio ao País pela primeira vez, como missionário, há 32 anos. Além de inglês, Schuring já ensinou educação artística e educação física. Faltavam professores para essas disciplinas. Pelo trabalho que faz, o missionário diz que não recebe um tostão. Ao contrário. Como membro da Missão Novas Tribos, já fez doações regulares para a organização. "Quem paga é Deus." (R.K.)



O professor David Schuring, que começou a trabalhar com índios engajado na Missão Novas Tribos do Brasil, seguindo os passos do pai, e não recebe dinheiro pelo serviço: "Quem paga é Deus"



"Os índios têm mais facilidade por causa de certos fonemas"

David Schuring, sobre a facilidade dos índios carajás e javaés para aprender inglês

"O som do 'th', por exemplo, já existe na língua deles"

Idem

Segundo o cacique, "a escola corre atrás do menino branco, enquanto os índios têm de correr atrás da escola". Hoje, os moradores de Txuiri dedicam-se à agricultura e criam gado, porco e galinha, além de cães e gatos, em pequenas quantidades.

Sem crédito

Reclamam financiamento para expandir sua produção. "Nossa terra é rica, somos mão-de-obra", diz Idjarruri. "Mas não temos linha de crédito." Como outras aldeias do Bananal, a Txuiri discute hoje a exploração de outras atividades econômicas, como o ecoturismo e a piscicultura, além da extensão da agricultura e da pecuária.

As alternativas são propostas para compensar o fim do

aluguel das terras da ilha para criadores de gado externos. Há 50 anos fazendeiros usam as terras do Bananal para engordar seus bois. Pagavam aos índios até R\$ 2,00 por cabeça por mês, segundo o administrador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Gurupi, Gilson Garcia Nunes. Com as queimadas, que antecederam a preparação do pasto, destruíram extensas porções da vegetação nativa.

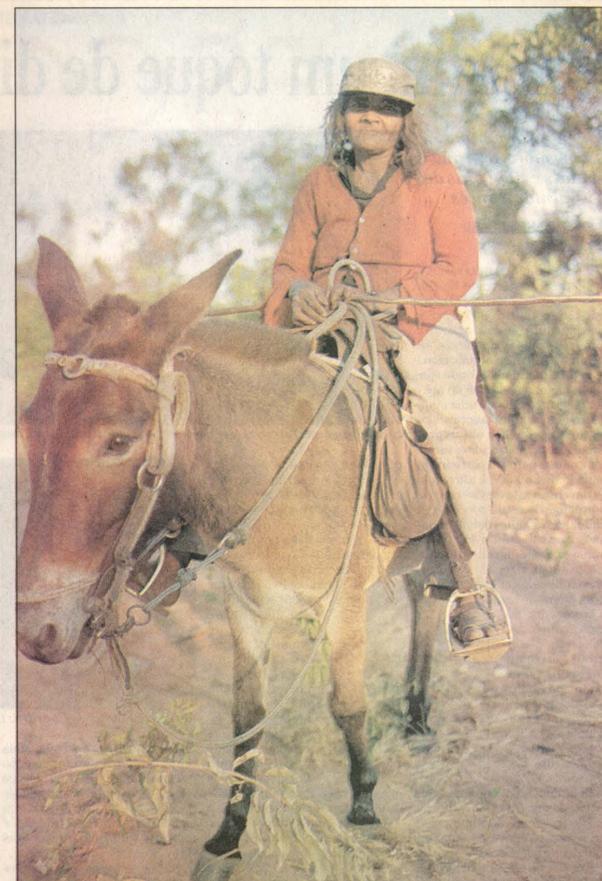
O processo de retirada dos fazendeiros começou no início da década de 90. Restam na ilha 150 mil cabeças, segundo o procurador da República no Tocantins, Mário Lúcio Avelar. "É preciso trocar o gado por programas de sustentabilidade das aldeias", diz o procurador. "Há projetos em estu-

do, como de criação de peixes, abelhas e quelônios." De acordo com Avelar, as lideranças indígenas já concordaram em desistir do aluguel de pastos. Nas conversas, o procurador lembra-se de Idjarruri como um negociador ambicioso e aguerrido.

"Queremos gerenciar a vida, a cultura e os recursos naturais indígenas em intercâmbio com os brancos sem deixar de ser índio", diz o cacique.

Enciclopédia

Nas últimas eleições, Idjarruri foi candidato à deputado estadual no Tocantins. Concorreu pelo PPB, uma legenda que nunca foi famosa pela defesa ardorosa das causas indígenas. Mas, na política local, garantia o apoio do governador



Maria Vieira de Souza, de 43 anos: vaqueira passa o dia no cerrado do Jalapão, no Tocantins

"Tem dia que é 10 horas da noite e eu ainda estou no campo"

Maria Vieira de Souza, sobre seu trabalho como vaqueira

"Não quero reclamação, já disse que se começar com problemas não quero dentro de casa"

Francisco Soares de Amorim, marido de Maria, brincando com a troca de funções



Maria, com Amorim (à dir.) e Leonardo: marido cuida do filho

Vaqueira trocou de lugar com o marido

Maria Vieira de Souza toca sozinha o rebanho da família, no leste do Tocantins

PONTE ALTA - Maria Vieira de Souza é vaqueira no Jalapão, região no leste do Tocantins. Tem 43 anos, que a pele, os cabelos maltratados e a ausência de dentes querem multiplicar por dois, mas o olhar vivaz não deixa. É figura famosa no pedaço. Trocou de lugar com o marido. Toca sozinha o rebanho da família. "Ele já tá muito velho", diz Maria. "Não dá mais conta não de fazer o serviço."

O marido, Francisco Soares de Amorim, "da cintura pra baixo 22", fica em casa, cuidando de Leonardo, filho adotivo de 5 anos. Antes dele, o casal criou uma menina, hoje moça casada. "Nunca

peguei filho", diz Maria. Nasceu no Piauí, Maria mudou-se para o Jalapão, então parte de Goiás, em 1961. A vaqueira passa o dia no cerrado baixo que cobre a região, a cavalo, com as unhas imundas e os pés metidos num chinelo de dedo. "Tem dia que é (sic) 10 horas da noite e eu ainda estou no campo", conta. Para orgulho do marido. "Não quero reclamação, já disse que se começar com problemas não quero dentro de casa", brinca Amorim, no sertão machista do Tocantins. (R.K.)

Toda a série Redescobrimo do Brasil está disponível na Net/Estado (www.estado.com.br ou www.1Estado.com.br)